

# O PORQUÊ DO PESSIMISMO

Lídia Goldenstein

Já há algum tempo se generaliza o sentimento de que "agora não dá mais", "alguma coisa tem que acontecer", "não dá para continuar com isso"! E, bem ou mal, com 24% de inflação ao mês, com escândalos, corrupção e mais problemas, a vida continua, o Brasil caminha e a esperada crise final não acontece. Até quando? Qual o limite? Será possível conviver *ad infinitum* com esta inflação e este desgoverno?

A dificuldade de se entender politicamente e suportar emocionalmente a atual realidade brasileira é tão grande que começam a aparecer os que, cansados de esperar o caos, a hiperinflação ou qualquer fato novo, passaram a acreditar que "as coisas não são tão ruins": o desemprego não está aumentando, o nível de atividade está razoável (pelo menos não há recessão), a balança comercial garante um belo superávit, que impede uma crise cambial maior, enfim, nem tudo está perdido.

Será que os pessimistas não estão exagerando, desconhecendo que a capacidade de convivência com a crise pode ser uma vez mais ampliada, sustentada pelo dinamismo e pujança da economia brasileira, que amortecem e impedem a explosão dos conflitos?

Infelizmente, acredito que não. Esta capacidade foi usada e esgotou-se — esgotou-se ao longo dos últimos 24 anos ao criar, como contrapartida do dinamismo econômico, o déficit público e a inflação. Até agora existiram variados mecanismos (dívida interna, dívida externa, política salarial, taxa de juros, tarifas públicas, subsídios, incentivos etc. etc. etc.) que permitiam o crescimento da economia e a acomodação de interesses sociais, regionais e grupais divergentes. Agora a festa acabou e alguém vai ter que pagar a conta. E o problema é muito menos o tamanho da conta

— que é, de fato, enorme e não deve ser minimizada — do que as dimensões da crise política. Este é o ponto crucial e é aí que brota a ilusão dos que acreditam que o pior já passou.

Não estou querendo colocar-me como arauto do caos, nem penso em defender a inexorabilidade da hiperinflação. Mas o fato é que a inflação e o déficit público esgotaram sua capacidade de acomodar conflitos e estes só não explodem porque a sociedade criou um mecanismo de defesa que é, num só tempo, sua força e sua fraqueza. É sua força porque impede a explosão (a hiperinflação) e é ao mesmo tempo sua fraqueza por que concentra, num único mecanismo — a indexação da moeda — a defesa contra o caos.

A hiperinflação não se instala quando a inflação atinge 25,73%, 35,12% ou 51,89%. Ela virá quando se romper o último mecanismo no qual está concentrada toda a defesa do sistema econômico: a indexação da moeda através do *overnight*. E esta ruptura, dada a atual fragilidade da confiança da sociedade no governo, na economia, no país, pode ser detonada até pelo mais banal dos fatos: um boato cretino, infundado, pode provocar uma fuga dos aplicadores no *overnight* e isto já será suficiente para desencadear a hiperinflação.

As condições para o grande incêndio estão dadas, basta uma centelha e a hiperinflação atuará como um processo caótico do qual emergirá (no famoso *day-after*) algum setor com força suficiente para arbitrar as perdas e ganhos. Entretanto, se não é difícil imaginar que setor é esse, no que concerne à relação capital-trabalho, não é tão óbvio prever onde será o corte que separará os diferentes interesses capitalistas. O processo político-econômico brasileiro e a sua articulação com a economia internacional têm levado a uma alternância de conflitos entre interesses distintos que compõem um emaranhado difícil de ser decifrado: Nordeste versus Sul, "atrasado" versus "moderno", capital financeiro versus capital industrial, capital nacional versus capital estrangeiro, são velhas dicotomias que não dão conta da realidade brasileira atual e pouco ajudam à sua compreensão.

Tentando evitar este caminho, uma aparente alternativa, que começa a ser esboçada, vem dos que se consideram otimistas e acreditam que o que está faltando é um "bom plano econômico" e um "bom governo", com credibilidade e competência para implementá-lo. Juntam-se aqui novos ingênuos com velhos "maquiavéis", "homens de bem", cuja prepotência e interesses são bem conhecidos, em torno de um plano de "salvação nacional", em "defesa dos interesses da pátria", acima do bem e do mal. Lampedusa que o diga, é preciso mudar rapidamente para deixar tudo como está.

A única alternativa que garantiria a consolidação de um processo verdadeiramente democrático no país seria a organização dos diferentes setores da sociedade em torno de um pacto. E é precisamente aqui que se situa o porquê do pessimismo. De fato, não parece haver tempo hábil para a concretização do pacto. Existe um descompasso entre a urgência

da retomada do crescimento e do controle da inflação e, por outro lado, a lentidão no processo de organização democrática da sociedade, necessário para a consolidação de lideranças reais, que possam desempenhar o papel de interlocutores capazes de serem aceitos e respeitados por todos, na hora de sentarem-se à mesa e pactuarem o pagamento da conta. Não o atual teatro, cujo resultado, mantidos os atuais atores, só contribuirá para a desmoralização do jogo democrático.